



BAUIDÈS

DA



FEL

LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO

# Transgressão e violência entre torcedores de futebol

enas ocorridas no estádio Mario Filho, o Maracanã, na década de 70:

“(…)O homem sem um dos braços, armado com uma gilete, enfrenta ferozmente quatro policiais. Enquanto sua mão brande a lâmina com rapidez, os cacetetes açoitam seu corpo sem camisa. Sentindo que leva a pior, o torcedor passa a se autoflagelar, abrindo o próprio peito em sulcos de sangue. (...) Brigas de torcedores sempre houve, agressões de policiais também, mas eram pequenos hiatos na festa multicolorida e alegre da torcida. (...) A polícia já sabe que o Maracanã de hoje não é o mesmo de uns anos atrás. Procura a solução, mas acaba só sabendo usar também a violência indiscriminalizada, que gera a revanche e aumenta o terror (...)” (Areosa, *Placar*, 27 de setembro de 1974).

Eneste outro fragmento, observam-se outras modalidades de violência em torno do futebol profissional atual:

“(…)Os torcedores sul-americanos estão seguindo o ritual de violência praticado pelos *hooligans* europeus. As facções organizadas se transformaram em autênticos grupos de guerrilha urbana, como é comum na Inglaterra. Nos jogos dos grandes clubes, a maioria dessas organizações entra nos estádios armada de estiletos, porretes e até revólveres. Nos últimos seis meses, cinco pessoas morreram durante os conflitos entre torcidas organizadas no Brasil, Uruguai e Argentina (...)” (Prosperi, *Jornal da Tarde*, 1º de outubro de 1992).



LUIZ HENRIQUE DE TOLEDO é mestrando em Antropologia Social pela USP e membro do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) coordenado pelo prof. José Guilherme C. Magnani.

As argumentações presentes neste texto estão desenvolvidas na dissertação de mestrado "Torcidas Organizadas de Futebol: Lazer e Estilo de Vida na Metrópole. Um Estudo Antropológico sobre as Práticas Sociais dos Torcedores de Futebol", apresentada como relatório final às instituições Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e Anpocs (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais).

Os fragmentos anteriores ilustram situações extremas e limites da violência entre torcedores de futebol. Atualmente grande parte desses conflitos tem sido creditado às organizações conhecidas genericamente por "torcidas organizadas".

Aglutinadas em torno do futebol profissional, as organizações torcedoras consistem em um fenômeno popularmente conhecido desde os anos 40, tanto no Rio de Janeiro com o aparecimento da "Charanga do Flamengo" em 1942, concebida pelo "torcedor símbolo" Jaime Rodrigues de Carvalho, quanto em São Paulo onde, dois anos antes, fora fundada a "Torcida Uniformizada do São Paulo Futebol Clube" por Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel.

Estas primeiras organizações tinham como estrutura hierárquica básica o comando de uma pessoa, o "chefe de torcida", que agrupava ao seu redor dezenas de simpatizantes. Nessa época, estes agrupamentos torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol, político, dirigente ou funcionários dos times. Essa forma de organização perdura entre centenas de pequenas organizações torcedoras que se proliferam ao redor dos times de futebol da atualidade.

Torcidas organizadas, ao contrário, são fenômenos mais recentes e o surgimento das primeiras datam do fim da década de 60 e começo de 70. Constituem-se em formas mais impessoalizadas e burocratizadas de organização, estruturadas em moldes estatutários com presidente eleito para períodos determinados, conselho deliberativo, diretorias e sócios, estabelecendo-se como "instituições privadas sem fins lucrativos".

Ao longo dessas três décadas foram responsáveis, em grande medida, pela formação de um "padrão de sociabilidade" peculiar. Padrão expresso numa determinada maneira de torcer e participar no futebol profissional, incorporando ao esporte símbolos próprios (distintivos das torcidas), inaugurando *performances*, uma estética, comportamentos verbais, regras, organização, consubstancializando um determinado *estilo de vida* (1) específico na metrópole.

Por sua vez, estes torcedores investem tempo, expectativas, expõem-se em conflitos. Para eles o futebol constitui-se em entretenimento, interesse político, visibilidade entre seus pares

e frente a outros, festa, drama, sociabilidade. Para isso concorre, em torno de projetos comuns, uma série de práticas e disposições pelas quais objetivamente agem e percebem o futebol e a própria sociedade.

Neste artigo procuro apontar para alguns aspectos da conduta geral dos torcedores naquilo que diz respeito às transgressões dentro e fora dos estádios. Refletir sobre esta modalidade de violência consiste, sobretudo, em inventariar as formas e expressões que assume esta violência e, no que diz respeito aos agrupamentos de torcedores organizados, analisar a dimensão coletiva que ela adquire com o advento dessas torcidas organizadas. Desse modo, impõe-se formular a seguinte indagação: até que ponto as formas de transgressão e a violência observadas entre os torcedores organizados possuem papéis instrumentais na constituição e coesão dessas "torcidas organizadas"?

Para começarmos a responder esta questão, a meu ver crucial para se entender os significados sociais dessas organizações de torcedores, precisamos, antes de tudo, ponderar sobre alguns dos acontecimentos que precipitaram este debate.

No final da década de 80, em virtude de uma série de incidentes envolvendo torcedores (2), a discussão sobre o fenômeno da violência no futebol adquiriu maior relevância na crônica esportiva e na imprensa em geral. Em São Paulo, foram promovidos alguns debates (3), para discutirem o assunto. Debates estes que mobilizaram profissionais de várias áreas e indivíduos vinculados ao futebol profissional. Entre outros, destacaram-se sociólogos, psicólogos, sexólogos, jornalistas, representantes da PM responsáveis pelo policiamento nos estádios, dirigentes, membros do conselho arbitral, Federação Paulista de Futebol (FPF), justiça desportiva e representantes das maiores e principais facções torcedoras.

As explicações dadas para o fenômeno da violência ficaram circunscritas basicamente aos fatores economicistas (a miséria como a causa determinante da violência), ou à "natureza violenta" do povo brasileiro ou ainda às "patologias individuais" dos torcedores. Mesmo assim, os debates contribuíram para uma abertura ao diálogo possibilitando ampliar a reflexão sobre a viabilidade das organizações torcedoras bem como do próprio futebol jogado de forma

1 A categoria "estilo de vida" caracteriza-se por formar um "conjunto de microespaços simbólicos", segundo Pierre Bourdieu (1983), expressado na vestimenta (a camisa de cada torcida), na apropriação e na conduta dentro dos espaços dos estádios, na musicalidade (cantos e "gritos de guerra"), no comportamento desviante, que os diferem dos torcedores denominados "comuns".

2 Tanto tragédias internacionais tais como o morte de 38 torcedores no final da Copa da Europa de clubes no estádio de Heysel, Bélgica, onde jogavam o time inglês do Liverpool contra o Juventus da Itália quanto tragédias no Brasil como, por exemplo, a morte de Rogério de Gáspari, 13 anos, após ser atingido por uma bomba de fabricação caseira atirada das arquibancadas em um jogo pelas semifinais do torneio de juniores, Taça São Paulo, entre os times de Sport Corinthians Paulista e o São Paulo Futebol Clube.

3 Entre os principais debates destacam-se o ocorrido em 1989 cujo título era "Violência nos Estádios: Caso de Polícia ou de Política" publicado de forma resumida no "Jornal da Tarde" e "Problemas Brasileiros"; outros dois aconteceram em 1992: um realizado nos estúdios da TV Gazeta e o outro na Federação Paulista de Futebol com a participação somente de pessoas vinculadas ao futebol profissional paulista (dirigentes esportivos, crônica esportiva, membros da justiça desportiva e representantes de dezenas de torcidas organizadas).

competitiva, empresarial e profissional.

No que diz respeito à participação dos torcedores nesta discussão, constatou-se um interesse e disponibilidade dos dirigentes das torcidas organizadas em discutirem tal assunto. Fato que demonstra uma certa capacidade de interlocução dos torcedores organizados entre si e com dirigentes, crônica esportiva, PM, e outras instituições direta ou indiretamente ligadas ao universo do futebol profissional (4).

Pensando no uso da violência no futebol como um mecanismo e meio de intervenção política na sociedade, como forma de protesto e revolta que agrupa estes torcedores organizados, a resposta à pergunta formulada acima deve ser relativizada pois constata-se a ausência de "ideologias" ou ações políticas mais explícitas em torno da maioria das práticas dos torcedores (organizados ou "comuns"). Salvo a opinião de um ou outro torcedor, ou a adesão circunstancial a campanhas de políticos ou ainda a participação individual ou, em alguns casos, coletiva nos movimentos mais abrangentes com participação popular ("Diretas Já", eleições presidenciais, movimento pró-impeachment), as representações políticas desses torcedores se enquadram, de modo geral, dentro de um ideário popular mais amplo. Mesmo quando criticam os políticos não estão "negando o sistema" ou se contrapondo ao Estado.

Veremos que a delinquência deliberada como processo de autolegitimidade e coesão interna desses grupos torcedores não se constitui na única "estratégia política de diferenciação" perante a sociedade. Ao contrário, a maioria dessas torcidas organizadas procura ser percebida como "instituição", "comunidade" e portadora de projetos comuns "legítimos" reconhecidos por outros grupos sociais.

Diversamente da concepção que parte dos grupos torcedores europeus, os denominados "hooligans", atribuem ao esporte, como será enfocado, observa-se que o futebol, para os torcedores organizados aqui analisados, não consiste preponderantemente "no espaço privilegiado da luta, do protesto político ou racial". Por outro lado, o futebol encerra outros significados na vida desses torcedores organizados.

Contudo, a comparação dessas torcidas organizadas com outros grupos que vivem

em metrópoles ou, mais precisamente, com os *hooligans* europeus, sobretudo os ingleses, impõe-se fortemente através de um discurso recorrente veiculado na mídia.

E, desse modo, faz-se necessário formular outras questões: até que ponto o desenvolvimento dessas torcidas organizadas brasileiras é influenciado pelos movimentos de torcedores europeus? Quem são estes torcedores europeus? Ou ainda: existe um intercâmbio entre os torcedores organizados com outros grupos e "tribos urbanas" na metrópole? As torcidas organizadas podem ser caracterizadas como "tribos urbanas"? Começemos a responder pela última pergunta.

Os variados modos de vida jovem que uma metrópole encerra, as múltiplas formas de sociabilidade e ocupação dos espaços da cidade, acontecimentos como shows, enfrentamento de grupos rivais, os "bandos exóticos" que caminham pelas ruas, freqüentemente são nomeados pela designação genérica de "tribos urbanas".

Assim, "carecas do subúrbio", *punks*, góticos, *rockabilies*, *hare krishnas* e até mesmo as torcidas organizadas ajustam-se, num discurso de "senso comum", dentro desta denominação que ora refere-se pejorativamente às características comportamentais selvagens e "primitivas" desses agrupamentos, ora serve para designar a homogeneidade interna de cada um desses grupos, particularizando-os dentro da cidade. "Tribos urbanas" também evocam eventos específicos onde os excessos e as transgressões ditam padrões de comportamento (shows de rock, jogos, etc.). Dadas as ambigüidades e abrangência na utilização do termo temos que

"(...)uma análise das utilizações do termo tribos urbanas' mostra que na maioria dos casos não se vai além do nível da metáfora; assim, o termo não é adequado para designar, de forma unívoca e consistente (como uma categoria que é construída para recortar, descrever e explicar), nenhum grupo ou comportamento no contexto das práticas urbanas (...)" (Magnani, 1992, p.6).

Em síntese, a utilização indiscriminada da metáfora "tribos urbanas" auxilia-nos pouco a compreender esta variada gama de

4 Existe uma outra aproximação, não menos significativa do ponto de vista de uma sociabilidade positiva, entre esses agrupamentos com a sociedade envolvente constatada na participação coletiva de algumas das maiores torcidas organizadas de São Paulo no carnaval oficial da cidade através da formação de blocos carnavalescos e escola de samba. Este fato aponta também para maneiras efetivas de levarem adiante um projeto mais ambicioso, "fora do futebol", "mais social e de comunidade" como afirmou o torcedor César, sócio da Camisa 12 corinthiana. De torcedores intolerantes, violentos e estigmatizados passam a vislumbrar a possibilidade de serem reconhecidos também como sambistas e "artistas populares".

comportamentos produzidos na cidade gerados por esses e outros grupos diferenciados.

Outro termo utilizado para designá-los é a denominação "ganguê". Eisenstadt tipificou as atividades dos membros de uma gangue como sendo

"(...) geralmente dirigidas para a violação declarada dos costumes e normas da sociedade na qual vivem - o roubo, o furto, vários tipos de comportamentos agressivos, seja em grupos ou individuais -, atos estes que podem estar dirigidos a adultos como pessoas ou a normas e símbolos sociais e culturais(...)" (Eisenstadt, 1986, pp. 18-9).

Portanto, transgressão e violação declarada das normas sociais ditam o comportamento geral das formações denominadas de "ganguês". Outras características comumente associadas a "ganguês" são: o anonimato que cerca as práticas transgressoras, a formação excludente de seus quadros, que geralmente é limitada pela idade, um determinado estilo de consumo musical, o peculiar modo de se vestirem, em alguns casos pela existência de duas ou três formulações genéricas e preconceituosas logo chamadas de "ideologia", etc.

Ainda que algumas das características enunciadas acima estejam presentes, em maior ou menor evidência, no comportamento e modo de vida das várias formações e grupos citados acima, inclusive nas torcidas organizadas, pesquisas e estudos (5) mostram que é preciso apreender, na diversidade de cada grupo, os vários significados contidos nesses comportamentos e não exclusivamente no uso ou não da agressão e violência como forma de externar uma dada "identidade", a "diferença", uma "ideologia", a coesão grupal.

Sob estes aspectos, não se pode nomear todos estes grupos, dos *punks* aos *hooligans* europeus, passando pelas torcidas organizadas, pelo termo genérico "ganguês".

Assim, impõe-se diferenciar *hooligans* europeus dos torcedores organizados aqui estudados.

"*Hooligans*" é o termo utilizado atualmente para designar tanto um segmento da torcida inglesa que frequenta as partidas de futebol quanto um determinado comporta-

mento agressivo observado nos estádios ou fora deles. Segundo Márcia R. da Costa,

"(...) o termo '*hooligans*' tem sua origem ligada ao nome de uma família irlandesa que viveu em Londres no fim do século XIX ('houlihan'). Devido às características de violência e de não sociabilidade de seus membros, esse termo passou, gradativamente, a designar os jovens que se organizavam em gangues(...)" (Costa, 1992, p. 17).

Muito embora a proliferação das chamadas "ganguês juvenis" na Inglaterra date do início dos anos 50, a presença *hooligans* no futebol é observada desde o fim do século passado. É que, segundo Geoffrey Pearson:

"(...) ao longo do século temos presenciado o mesmo ritual de dominação territorial, testes de força, luta de gangues, desrespeito aos velhos e autoridades, e aos visitantes estrangeiros(...)" (Pearson, 1983).

Inúmeros trabalhos na Inglaterra têm procurado abordar, sob enfoques teórico-metodológicos distintos, o fenômeno *hooligans*. Não cabe, neste momento, discutir de maneira exaustiva a diferença entre todas estas abordagens (6). Porém, parte dos dados empíricos são recorrentes no conjunto dessas pesquisas, permitindo, então, uma tipificação da conduta geral desses grupos de torcedores de modo que se possa compará-la à dos torcedores brasileiros.

Observa-se que emergem significativas diferenças entre os torcedores organizados ingleses e os brasileiros, sobretudo no que concerne às origens, às representações construídas em torno do futebol, o modo como se organizam, o relacionamento com a sociedade mais abrangente.

Além da presença *hooligan*, percebida desde o fim do século passado nos estádios de futebol, os anos 60 marcaram, na Inglaterra, a proliferação de vários outros grupos e "turmas de jovens" que passaram a vislumbrar no futebol um espaço significativo de visibilidade social para externar formas de protesto (Dunning, Murphy e Williams apud Costa, 1992, p. 16). Entre estes grupos

5 Alguns trabalhos dentro dessa perspectiva podem ser consultados. Entre eles destacam-se o de Janice Caiata e Márcia Regina da Costa, citados na bibliografia.

6 Basicamente, os estudos voltados para o fenômeno dos "hooligans" estão subdivididos em três grupos. Os trabalhos pioneiros neste campo datam dos anos 70 (Taylor, 1971; Clarke, 1978; Cohen, 1971) e problematizam o fenômeno à luz do marxismo. A tese consiste na vinculação entre a promoção de um "pânico moral" instaurado na sociedade com a crise do capitalismo. Os "hooligans", descritos como sendo indivíduos desempregados, indisciplinados, "lumpem-proletariado" serviam de pretexto para uma política autoritária e populista por parte do Estado na condução dos problemas sociais. Um segundo grupo de pesquisadores de Oxford (Marsh, Rosser, Harre, 1978) trabalhou com os aspectos simbólicos da violência. As partidas de futebol como formas rituais de extravasar as agressões, tendências inatas do comportamento humano. Mais recentemente outro grupo de Oxford, antropólogos como Gary Armstrong e Rosemary Harris, implementou "pesquisas participativas" como método de apreensão dos modos de vida dos "hooligans". O terceiro grupo, de Leicester (Dunning, Murphy, Williams, 1988: 1) A categoria "estilo de vida" caracteriza-se por formar um "conjunto de microespaços simbólicos", segundo Pierre Bourdieu (1983), expressado na vestimenta (a camisa de cada torcida), na apropriação e na conduta dentro dos espaços dos estádios, na musicalidade (cantos e "gritos de guerra"), no comportamento desviante, que os diferem dos torcedores denominados "comuns".

destacam-se os *mods*, *rockers*, *teddy-boys* e, posteriormente, os *skinheads*.

A crise econômica dos anos 60 iniciou um processo de modernização e transformação na indústria inglesa que afetou, em contrapartida, as indústrias mais tradicionais e os empregos gerados. Este período marca o aparecimento de grupos de jovens operários:

“(...) a década de 60 não marcou apenas o aparecimento dos *skinheads*. Caracterizando-se por ser um momento de grandes transformações culturais, ela também foi a época do desejo de ‘revolução cultural’, da recusa à sociedade de consumo, de busca de renovação social, de desconfiança nas práticas políticas tradicionais, da afirmação da ‘não-violência’ e do ‘flower power’. Ligado a esses valores, surgiu o movimento *hippie*, que foi um fenômeno vinculado à classe média(...) Ao mesmo tempo, quase como uma espécie de ‘contraponto’, grupos de jovens oriundos da classe operária passaram a se auto-afirmar com um estilo oposto ao dos *hippies*, não sendo, assim, de se estranhar que os *skinheads* (cuja origem é predominantemente proletária) não gostassem deles e se opusessem a seu pacifismo(...)” (Costa, 1992, p. 23).

A partir da copa do mundo de 1966, realizada na Inglaterra, os *skinheads* aproximam-se das torcidas, sendo englobados pela mídia, paulatinamente, sob o rótulo comum de “*hooligans*”. “(...) Contudo, como a própria mídia e vários trabalhos apontam, nem todo *hooligan* era *skinhead* e nem todo *skinhead* era *hooligan*(...)” (Costa, 1992, p. 17).

Portanto, o processo de constituição dos agrupamentos denominados pelo termo “*hooligans*” é complexo na medida em que, ao longo de décadas, incorporou vários outros grupos que vislumbraram, no futebol, uma possibilidade de se exprimir. O termo “*hooligans*” compreende, primeiro, determinadas posturas e comportamentos diante da sociedade.

Perguntado por um jornalista sobre o perfil de um *hooligan*, um torcedor inglês afirmou que seria

“(...) alguém que trabalha a semana inteira num emprego maçante e mal pode esperar para sair numa tarde de sábado

(...) então você imagina que somos movidos a quê? (...) se a gente não fizesse isso (as práticas violentas e transgressoras) nos jogos de futebol acabaria fazendo em algum outro lugar. Acabariamos fazendo no sábado à noite no *pub*. É o que tá na gente né? A violência. Todos nós temos por dentro(...)” (Buford, 1992, p. 109).

Em segundo lugar, “*hooligans*” designa também grupos específicos, as “firmas”, como chamam os próprios *hooligans*. Cada “firma” possui um determinado chefe, e um time chega a ter várias “firmas” estruturadas na forma “chefe/comandados”. Porém, nem todas as “firmas” constituem-se em termos de uma mesma morfologia social. Por exemplo, os Sheffield United “*Blades*” (*hooligans* do time do Sheffield United) são recrutados em uma mesma região ao passo que os Chelsea “*Headhunters*” do time do Chelsea são recrutados de várias localidades dos arredores de Londres (Dunning et alii, 1991, p. 461).

E a presença dos *skinheads* na frequência aos estádios é um fenômeno constante:

“(...) os *skinheads*, em sua origem européia, fizeram e fazem parte do que alguns analistas chamaram de ‘subcultura juvenil, às vezes delinqüente e marginal’, não sendo estranho, segundo vários autores, encontrarmos alguns elementos comuns entre eles e certos grupos de torcedores de futebol(...)” (Buford, 1992, p. 19).

Apesar da existência de conexão histórica entre torcedores (os *hooligans*) e *skinheads*, não se pode afirmar que haja uma sobreposição entre os grupos. Mas, tanto uns quanto os outros, possuem características bastante semelhantes.

Um aspecto comum é o nacionalismo exacerbado e a xenofobia. Grande parte dos incidentes envolvendo *hooligans* vem dos enfrentamentos com “o outro”:

“(...) os torcedores não gostavam do estranho. O estranho - donos de lojas, funcionários do metrô de Londres ou da British Rail, velhos que atravessavam a sua passagem na escada rolante(...) e não existia estranho mais estranho, e portanto mais detestável, do que o estrangeiro(...)” (Buford, 1992, p. 86).

Este forte apelo nacionalista e a xenofobia são elementos que aproximam e possibilitam uma certa cambialidade entre esses grupos com os partidos reconhecidamente “neonazistas”, em particular o National Front. Aproximação que confere ao termo “hooligan”, ainda que a maioria *hooligan* não esteja vinculada a estes partidos, uma conotação política bastante específica (7).

Torcedores *hooligans* geralmente se agrupam em *pubs*, bares, para, posteriormente, ir aos jogos de futebol. Parte de suas ações é pautada pelo anonimato; procuram se confundir em meio à multidão torcedora. Não utilizam “símbolos *hooligans*” que os identifiquem imediatamente. Por exemplo, não conferem a obrigatoriedade no uso de uma determinada camisa específica (a camisa da torcida, como se observa entre os torcedores brasileiros). Motivos gráficos, tais como a *suástica*, estão estampados nos braços, camisas e bandeiras. Porém tal símbolo condensa uma série de outros significados mais explícitos que não os identificam necessariamente como sendo especificamente “torcedores de futebol”.

Traçam itinerários complexos para burlar a vigilância policial. Chegam a subdividir os grupos no intuito de disfarçarem a chegada “em massa” aos estádios. O relacionamento entre as “firmas” ou mesmo com torcedores de outros países é caracterizado como uma versão urbana e contemporânea da “síndrome de Beduíno” (Robins e Cohen apud Dunning et alii, 1991, p. 462), ou seja, um padrão de alianças e oposições que segue a seguinte lógica: amigo de inimigo é inimigo, inimigo de inimigo é amigo, amigo de amigo é amigo. E aqui há pouca possibilidade da mediação política, da negociação ou diálogo.

A exemplo dos *skinheads*, estes torcedores veiculam fanzines e revistas em pequenas tiragens, tais como *Supporter X*, *Destroyer* na Inglaterra, *Hinchas*, *Revista Ultra*, *Ultra Yomus*, dos *ultra* (versão latina de *hooligans*) espanhóis, *Supertifo* na Itália. O conteúdo dessas revistas varia dentro de algumas características já mencionadas: exaltações nacionalistas, “táticas para burlar a polícia”, ódio aos estrangeiros, etc. (8).

Retomando a tipificação de Eisenstadt caracterizando o comportamento geral de uma gangue percebe-se, então, que o padrão de comportamento *hooligan* aproxi-

ma-se mais daquilo que o autor explicitou como prática social consubstanciada na transgressão e na “violação declarada”.

De alguma forma, *skinheads* torcedores ou *hooligans* vislumbram na transgressão uma forma de coesão grupal, protesto, visibilidade social, ainda que difusos. E o futebol consiste, entre outros, num evento privilegiado por onde tais manifestações são conduzidas, dadas as suas características populares, sendo um esporte “de massa”, de celebração e confronto. Porém, como vimos na fala do *hooligan* transcrita pelo repórter Bill Buford, o futebol é um *meio* de externar tais práticas transgressoras. “Se não fosse no futebol seria num sábado à noite em um *pub*”, reitera a fala torcedora.

Por outro lado, ainda que o futebol não consista no único *fim* das práticas dos torcedores organizados brasileiros, há um investimento simbólico maior em torno das representações propiciadas por seu intermédio.

A concepção de organização grupal das torcidas organizadas também difere daquela estruturada entre os *hooligans* que, de modo geral, prima pela transgressão deliberada e pelo anonimato, haja vista o esforço desses torcedores na veiculação de fanzines onde são mostradas e ensinadas “táticas para burlar o policiamento”. As torcidas organizadas almejam um lugar dentro do futebol profissional como participantes “oficiosos” do espetáculo, não negando o futebol como espetáculo, entretenimento ou lazer.

Outras características que diferem as torcidas organizadas dos agrupamentos *hooligans* ou de grupos como os *skinheads* europeus são a ausência de traços ideológicos nacionalistas e uma concepção mais ostensiva, de negação e enfrentamento, diante das instituições sociais.

No Brasil, os grupos que mais se assemelham aos *skinheads* europeus são os “carecas do subúrbio”. Porém, ao contrário do que ocorre na Europa, não há uma conexão entre torcidas organizadas e “carecas”, nem mesmo a presença destes, coletivamente, nos campos de futebol (9).

Os “carecas do subúrbio” são grupos que se constituíram em torno de outros propósitos, representações nitidamente mais contestatórias, são nacionalistas a exemplo dos europeus e compartilham, na sua maioria, de parte de um ideário e símbolos nazifascistas. O estilo de vida dos “carecas do

7 Sob este aspecto, a imediata comparação dos “hooligans” com os torcedores brasileiros torna-se problemática na medida em que tal vinculação, ou seja, torcidas organizadas-partidos neofascistas ou neonazistas é empiricamente inexistente.

8 Para uma comparação e verificação da diversidade substancial de conteúdo destes impressos, fanzines e revistas européias com aqueles editados e veiculados por algumas torcidas brasileiras, consultar, por exemplo, os jornais “O Gavião”, do Grêmio Gaviões da Fiel corinthiano e o “Jornal da Independente”, da Torcida Tricolor Independente são-paulina.

9 Pelo contrário, para os “carecas” o futebol consiste em uma “atividade alienante do povo brasileiro” (Costa, op. cit.).

subúrbio”, concentrados sobretudo na zona leste da capital paulistana e na região do ABC, é pautado por um ascetismo, culto coletivo ao físico e por uma “radicalidade moral”. Desse modo,

“(…) sancionam e assumem a violência, a gangue como forma de organização e o uso de símbolos socialmente malvistas. (...) Assim, entre os ‘carecas’, encontramos valores como a força, potência, união, solidariedade e fraternidade. O grupo se opõe ao mundo exterior, visto, de forma maniqueísta, como o *locus* das forças do mal. (...) Os ‘carecas’ se concebem, imaginariamente, como aqueles que podem salvar a nação, o povo, do destino a que estão relegados. Observamos então que esses valores funcionam como um conjunto ideal de ‘forças motrizes’ que os incitam para a ação (...)” (Costa, 1992, p. 188).

Ao contrário das torcidas organizadas, definidas aqui também como formadoras de um determinado “estilo de vida”, grupos como os *skinheads* ou os “carecas do subúrbio” constituem experiências mais totalizadoras. As torcidas organizadas são grupos mais “descomprometidos” com uma ética específica, com algo que se aproxime de “uma ideologia” e, por isso mesmo, são agrupamentos mais fluidos, dinâmicos e abertos.

Embora haja um predomínio de jovens na maioria das torcidas organizadas, elas não são definidas e organizadas somente em função de um *ethos* ou consumo obrigatório de um único estilo (de música, de adesão a um comportamento), predominantemente “jovem”. A princípio, qualquer pessoa pode integrar (e, de fato, a integra) uma torcida. Ela pode ser de direita ou esquerda, velha ou moça, gostar de samba ou rock, gostar de brigar ou não.

Nota-se, contudo, a existência da intolerância e de constantes atitudes violentas entre os torcedores organizados no futebol brasileiro. Confrontos entre torcidas organizadas maximizam o conflito existente, gerando até o extermínio de torcedores adversários, como aconteceu no ano de 1992 em São Paulo, com a morte de dois adolescentes. Porém, tais ocorrências inviabilizam essas torcidas organizadas que buscam, paradoxalmente, assumir-se como instituições

“representativas e legítimas” de uma parcela das torcidas dos times.

Na ocasião de uma dessas mortes, cuja responsabilidade recaiu sobre torcedores organizados da Torcida Tricolor Independente do São Paulo Futebol Clube, Nelson Mandini, à época presidente da referida torcida, defendeu-a na imprensa afirmando que:

“(…) As fichas de inscrição (dos sócios) estão à disposição da polícia, bem como dos nossos computadores que armazenam todas as informações a respeito da nossa torcida. Não queremos ter o nome sujo nesta história (...)” (Mandini, *Jornal da Tarde*, 1º de outubro de 1992).



É inegável que parte das práticas das torcidas organizadas contradiz o discurso de sua “elite” dirigente. O uso da intervenção física como forma de interação e mediação das relações entre torcedores, com “o outro”, o “adversário”, ou mesmo como apelo à coesão grupal, faz com que esses grupos sejam vistos, pela mídia e pela população, como “*hooligans* brasileiros”, formadores de gangues.

Por outro lado, tentam desvencilhar-se de tais “estigmas” organizando-se e procurando, no nível do discurso, na participação em eventos como o carnaval oficial e na negociação com outras instituições e grupos (PM, outras torcidas organizadas, imprensa), formas mais “legitimadas” de interação social e participação no futebol profissional e na sociedade.

As práticas sociais implementadas pelos agrupamentos *hooligans* apontam para formas de protesto e uma negação mais radical do “outro”. Por sua vez, este “outro” generaliza-se na figura dos torcedores, nos transeuntes, nos policiais, sobretudo nos imigrantes e, idealmente, no “sistema político” e *status quo*. O comportamento *hooligan* e *skin* nega, em grande medida, a própria ordem liberal e democrática instituída, apontando para outros projetos e ordenações do social (ain-



da que somente no plano ideológico). Dessa forma, acentua-se uma conotação política expressa na intolerância e no exercício de um conjunto de idéias que, mesmo difusas e dispersas no discurso e prática desses atores, dizem respeito a grupos específicos - os neofascistas e neonazistas, por exemplo.

O caráter instrumental do uso da violência física como meio de intervenção para se conseguir um determinado fim, nos termos em que coloca Hannah Arendt (1985) (10), é percebido de modo mais evidente entre os *hooligans*, *skinheads* e outros grupos que, de alguma maneira, utilizam-se deste recurso como ação prática de interação social na expressão de fobias, protestos, formas de racismos que, em última instância, canalizam sentimentos, vontades e interesses de segmentos "mais visíveis" das sociedades européias.

Em contrapartida, não se pode afirmar que a violência entre os torcedores organizados brasileiros se estabelece tão somente no âmbito das relações interpessoais e intergrupais, com forte conotação de vingança (11), apenas com sentidos passionais e circunstanciais, revelada nos momentos de exacerbação da lógica competitiva imposta pelo futebol profissional.

Verifica-se que a dimensão política dessa violência e transgressão está presente, ainda que colocada em outros termos. E deve ser dimensionada para além da imediatividade das práticas violentas verificadas na conduta dos torcedores organizados.

Ainda que não se constate a "radicalidade" orientada e suscitada pelas fobias e ódios ao "outro" (12), o comportamento transgressor observado entre os torcedores organizados brasileiros não deve ser analisado apenas como algo produzido por relações de "vendeta" entre torcidas organizadas ou através explicações "psicologizadas", da ordem do indivíduo, para o fenômeno.

No que concerne ao comportamento genérico dos torcedores brasileiros (organizados ou "comuns"), a dificuldade reside justamente em estabelecer critérios mais precisos de definição deste "outro oponente". Da vingança preestabelecida entre torcedores organizados ao confron-

to casual entre torcedores "comuns", da bomba caseira arremessada a esmo das arquibancadas à cusparada desferida em um transeunte ou na mulher que emparelha o seu carro, por azar, com algum coletivo apinhado de torcedores no trânsito, as transgressões e a violência tomam conformações que não se materializam somente nos confrontos pessoais, grupais, sequer étnicos ou políticos.

O fato é que transgressão e violência observadas transbordam as categorias e definições de gangues, tribos ou mesmo torcidas organizadas. Pois é sabido que as torcidas organizadas não se hostilizam apenas entre si, bem como este não é um comportamento exclusivamente observado entre elas. Qualquer aglomeração de indivíduos, na sua maioria jovens entre 14 e 20 anos, formando *grupos involuntários* de torcedores adversários pela cidade (o fato de vestirem a camisa de um mesmo time já os tornam cúmplices) é motivo para eclodirem os enfrentamentos. A rivalidade é reposta de imediato, aparentemente anárquica, sem motivações além da emoção do instante da transgressão (que, por vezes, já resultou em incidentes mais graves), regida por uma "solidariedade mecânica" cuja identidade e coesão muitas vezes são flácidas e circunstanciais.

Por um lado, deve-se salientar que tal processo "anárquico" e genérico de hostilidade entre torcedores e destes em relação aos transeuntes, senhoras, velhos, moços, ou em relação aos equipamentos urbanos, qualquer coisa, revela um profundo distanciamento, ou melhor, estranhamento dos indivíduos com o poder e a esfera pública, com os direitos e deveres dos cidadãos.

Por outro lado, ressalta-se a existência de um crescente processo de *banalização da violência e da transgressão* observado nos grandes centros urbanos brasileiros. Processo que recoloca o fenômeno da violência como espetáculo performático e de "massa" (programas radiofônicos e televisivos cotidianamente mostram o fenômeno da violência como sendo "a verdade das ruas como ela é" em um "show de notícias". Este é o caso, por exemplo, de programas como "Gil Gomes" no rádio ou "Aqui e Agora" na televisão), em que "(...) a instável interação de verdade e ilusão (fic-

10 A autora opõe os termos violência e poder. Este, como a paz, é um "absoluto", ou seja, "um fim em si mesmo" ao contrário da violência que é instrumental e "(...) como todos os meios, está sempre à procura de orientação e de justificativas pelo fim que busca..." (Arendt, 1968, p. 28).

11 A morte de "Cléo", fundador e prestigiado dirigente da torcida Mancha Verde, em agosto de 1988, pode ser considerada a primeira a assumir uma dimensão pública e trazer de forma mais enfática à discussão o problema da violência das torcidas organizadas em São Paulo. Segundo muitos torcedores paulistas seu assassinato se deu por "vingança" de "outras torcidas". Outra versão dada ao caso na época, veiculada nos jornais, foi a de que ele estava envolvido com "entorpecentes". De qualquer forma, o caráter de vingança foi bastante acentuado nas explicações para esta tragédia, ficando circunscrita a um caso de retaliação pessoal e explicada como "crime comum". No entanto, o simples fato dele pertencer a um grupo visível, um ator que participa e atua nos limites do mundo do futebol profissional, que é uma torcida organizada, fez com que toda a imprensa esportiva exercesse forte pressão contra os torcedores organizados, deixando, portanto, o fato de ser relatado apenas como um "crime comum". Nesses termos, colocaram o problema de forma mais pública.

12 Vale ressaltar, mais uma vez, que este "outro" (como aparece no comportamento violento "hooligan", "skin" ou mesmo entre os "carecas" - aqui a intolerância é com nordestinos) é encarnado num "confronto étnico", nos estrangeiros, e mais abstratamente na "ordem liberal democrática".

ção) torna-se uma força social de tremendas dimensões(...)" (Taussig, 1983).

Violência vivenciada como espetáculo e paroxismo, os torcedores (organizados ou não), as "galeras" *funks*, os "arastões" traduzem experiências de contatos extremos que experimentam os limites entre o permitido e o interdito; atos sem qualquer orientação mais imediata em termos de custo/benefício, ações que visam tão-somente "apavorar" o oponente, muitas vezes eleito como "o outro" no instante do próprio ato. Há uma crescente pressuposição e previsibilidade da ocorrência das brigas, transgressões que potencializam ainda mais as animosidades entre torcedores, entre galeras ou gangues. Em contrapartida, os meios de comunicação realimentam tais ocorrências na forma de "espetáculos".

Observando especificamente as torcidas organizadas e a ênfase que atribuem às formas de organização e atuação como "instituições populares e oficiosas" dentro do futebol profissional, o comportamento dos torcedores organizados permite pensar um conjunto maior de "temas" e níveis de experiência político-sociais imbricados na própria sociedade.

Esses grupos exercitam e experimentam, concomitantemente, a exemplo de vários segmentos da sociedade brasileira, tanto

práticas mais "democratizantes" de organização formal quanto relações hierárquicas, relacionais, pessoais e autoritárias, tão comuns na tradição social e política do país.

A própria morfologia social das torcidas organizadas, onde coexistem vários grupos de interesses divergentes, sentimentos e expectativas, reproduz, em alguma medida, a diversidade da sociedade mais abrangente. Fenômeno que ocorre em menor grau com os agrupamentos *hooligans* europeus que partilham experiências mais seletivas e autocontidas pois a grande maioria de torcedores provém da classe operária, onde muitos estão desempregados (como é o caso especificamente dos neonazistas) e vislumbram no confronto direto com a ordem estabelecida (indivíduo/Estado) formas de protesto mais efetivas.

Ainda é importante salientar de forma mais clara que, apesar do fenômeno da violência no futebol revestir-se de um caráter globalizante, pela própria maneira como este esporte se insere no contexto mundial consolidado em inúmeros países da América Latina, África e Europa e mais recentemente Ásia, os desenvolvimentos histórico e cultural de cada um desses países atuam como condicionantes fundamentais e decisivos para se pensar nas matizes das formas assumidas na expressão desta violência.

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDE, H. *Da Violência*. Brasília, UnB, 1985.
- BOURDIEU, P. "Gostos de Classe e Estilo de Vida", in Renato Ortiz (org.), *Bourdieu*. São Paulo, Ática, Col. "Grandes Cientistas Sociais", 1983.
- BUFORD, Bill. *Entre os Vândalos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- CAIAFA, J. *Movimento Punk na Cidade: a Invasão dos Bandos Sub*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- COSTA, M. Regina da. *Os Carecas do Subúrbio: Caminhos de um Nomadismo Moderno*. Tese de Doutorado, PUC-SP, Antropologia Social, 1992.
- DUNNING, E. & MURPHY, P. & WADDINGTON, I. "Anthropological Versus Sociological Approaches to the Study of Soccer Hooliganism: some Critical Notes", in *The Sociological Review*, v. 39, nº 3, ago. 1991.
- EISENSTADT, S. N. "Grupos Informais e Organização Juvenil nas Sociedades Modernas", in Sulamita Brito (org.), *Sociologia da Juventude IV. Os Movimentos Juvenis*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- MAGNANI, J. G. C. "Tribos Urbanas", in *Revista Cadernos de Campo* (Revista dos Alunos de Pós-Graduação em Antropologia Social-USP), nº 2, 1992.
- PEARSON, G. *Hooligan: a History of Respectable Fears*. Londres, Macmillan, 1983.
- TAUSSIG, M. "Cultura do Terror e Espaço da Morte", in *Revista Religião e Sociedade*, nº 10. Rio de Janeiro, nov. 1983.
- TOLEDO, L. H. de. "Torcedores em Campo", "Usos Políticos do Futebol", "Hooligans Brasileiros?", in *Torcidas Organizadas de Futebol: Lazer e Estilo de Vida na Metrópole*. São Paulo, 1994, mimeo.